

Correio Paulistano
Capital

115

Assignaturas — 3\$000

Correio Paulistano
Correio Paulistano



Handwritten scribbles and musical notes on the left side of the page.

O Porvir



ORGANIZAÇÃO

Dos alumnos Externos do

Instituto de Sciencias e Letras

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Anno 1.º

São Paulo, 3 de Junho de 1902

Num. 1

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia concernente a esta folha deve ser dirigida ao Largo do Arouche, N. 47 — S. Paulo.

Todos os srs. que não devolverem o presente numero, no prazo de oito dias, serão considerados assignantes.

O Porvir

Apresenta-se no scenario da imprensa O Porvir.

Revestido de nobre fim, tal o de estimular os jovens no campeonato da imprensa e exercital-os na penna, elle conquistará por certo as sympathias de todos e benevolo acolhimento dos que se interessam pelo progresso da mocidade.

Modesto no formato, mas grande no seu objectivo, O Porvir, traçando o seu programma, na verdade digno de ser applaudido, encontrará cert mente franco apoio em todos os que comprehenderem a sua elevada e nobilissima missão

qual ha de reunir para as lides literarias, os jovens que apenas comecam a cursar as primeiras aulas de humanidades

Redigido e collaborado por moços inexperientes nas luctas da imprensa, a sublime arte do grande e ha muito immortalizado Guttemberg. O Porvir encontrará, quem sabe? no curso da escabrosa carreira 'que ora enca, dificuldades e dissabores imprevistos, mas que serão facilmente superados, pela força de vontade dos rapazes que o redigem.

“O Porvir” foi fundado por iniciativa de alguns adeantados e esperançosos estudantes, entre os quaes se destacam, pela sua energica e persistente vontade, M. Bittencourt Junior, J. Ferreira da Rosa Sobrinho, J. Abner de Oliveira, G. P. Andrade, Léo d'Oliveira e muitos outros, que tiveram a satisfacção do ver os seus desejos unisonamente approvados pelos intelligentes e estimados collegas do externato do “Instituto de Sciencias e Letras” razão pela qual podemos asseve-

rar que este pequeno periodico, não obstante ser redigido por moços principiantes, poderá fazer longa e feliz carreira, devido ao amor devotado ao trabalho por tão applicados preparatorianos.

O obscuro escriptor destas linhas, que teve a subida honra de ser convidado para fazer parte da redacção d'O Porvir, embora para isso não possuía as habilitações precisas, devido á completa falta de tirocinio na imprensa, não poupará entretanto, os esforços que estiverem ao seu alcance para ao lado de outros collegas, preparados e intelligentes, procurar firmar o prestigio' d'O Porvir.

Resta-me, concluindo, dar parabens aos iniciadores de tão progressista idéa, fazendo votos por que O Porvir tenha vida longa e prospera

Prudente F. Corrêa.



Large handwritten scribbles on the right side of the page.

Handwritten signatures and names at the bottom, including 'Paulo', 'S. Paulo', and 'Correio'.

Arthur Andrade

Vozes auctorizadas, jornalistas eminentes já falaram do distincto professor, do amigo inolvidavel que o Instituto acaba de perder.

Queremos, por nossa vez, em nome de nossos collegas de aula, dedicar uma lembrança ao nosso mestre, ao nosso amigo, tão prematuramente roubado á sua preciosa e fertil existencia pela brutalidade da morte.

Arthur Andrade contava em cada um dos discipulos um coração amigo. Em suas preciosas lições, que davam luz ao nosso espirito ignorante, o bondoso mestre tinha sempre uma palavra de animação, um sorriso bondoso para os que davam uma prova de estudo; emfim, interessava-se por nós, como por seus filhos, desejoso de nossos successos, procurando esclarecer-nos com sua palavra paciente e com sua erudição profunda.

Um golpe rude do Destino encheu-nos de dôr o coração, roubando do mundo Arthur Andrade.

Acompanharam-no á ultima morada, lamentando a perda immensa, aquelles mesmos que dias antes admiravam o sabio professor, o poeta inspirado, o moço illustre.

* * *

Soneto

Nas negras espiraes do teu cabello ondeante,
Orde pões, toda tarde, uma rosa encruada;
Eu quizera prender, oh! minha doce amada,
O meu amor de poeta, fervido e constante.

Nos fios d'ouro e luz do teu olhar radiante,
Nessa teia subtil, luzente, emmaranhada;
Quizera ver minh'alma, pobre descuidada,
Tremendo, debater-se, oh! minha doce amante!

Mas será para mim o mais sublime goso
— ventura que jamais mortal nenhum ferira —
Nessa bocca vermelha que anda a pedir beijos.

Nesse aro pequenino, rubido e carnoso,
(Dedilhando fremente uma canção na lira);
Prender, acorrentar a fera dos desejos.

Alb Netto

A Saudade

A' memoria de Augusto Severo.

A saudade é a expressão sublime de uma fagueira esperança; o balsamo suave que alenta a alma nos doces momentos da meditação, durante a qual o espirito, transpondo o limiar doirado do Infinito, eleva-se á Eternidade.

Quantas vezes, immersos nessas suaves contemplanções do passado: da Infancia querida, daquelles oscuros meigos dos labios immaculados de um pae, dos momentos de caricias de uma bôa e eterna mãe a nossa alma experimenta um quê dessas emoções suarissimas que nos arrancam dos olhos uma crystallina lagrima que desliza suavemente pela face.

La, na mansão dos mortos, onde á meiga sombra do cypreste repousam mansamente aquelles amigos peitos, onde ao clarear da aurora, por entre as petalas do mimoso goivo, o colibri doirado tece o ninho seu, quantas vezes eu vi carregados de copioso pranto, ajoelhados, amigos, paes e parentes, immoveis, balbuciando preces pela alma do extincto.

Assim facamos nós, brasileiros, que pugnamos pelo engrandecimento da Patria; choremos enluctados, a perda irreparavel que acabamos de soffrer.

Cantemos a gloria do immortal nome de Augusto Severo, levando uma corôa de saudades á campa fria e muda onde repousa o morto, que honrou a Patria, deixando seu nome ligado ao grande problema da conquista dos ares.



Uma noite de luar

Phebo sumira-se por detraz daquelles montes altaneiros, que erguem seus picos coroados de nuvens até as altas regiões da atmosphera; já o crepusculo consolava a terra da ausencia do astro coruscante e a doce filha de Latona caminhava num firmamento de limpida pureza, apagando na passagem o meigo brilhar das estrelas. A Via Lactea enlaçava o mundo como gigantescas sicuryú e as constelações destacavam-se no azul vigoroso do firmamento e apresentavam seus scintillantes astros, sôes do systema do Inifinito; na terra a natureza adormecia. Morpheu convidava o homem ao repouso e ainda Zephyro, enrugando, ledô e traquizas, á superficie do oceano, maninha intacto o ruido monotono da velha morada dos Trifões e fazia dobrarem-se deliciosamente o cannavaal e a multidão immensa das grammineas caladas e tristes, como se acotecera a tudo quanto é util ao homem. Os valles silenciosos, tão queridos da loura irmã de Apollo, eram o asylo da multidão de insectos e ali abriam-se as petalas rosaceas, á espera das lagrimas de Amora, espalhadas por Faronio. Repletos de luz, as campinas e os desertos confundiam-se com o mar, então levemente agitado em doces ondulações, tendo em sua plenitude os mantos audaciosos, continuado as proezas do sabio grego e de Ibanou. Já se doirava o horizonte; o cortinado de purpura abria-se para dar passagem ao rei do espaço e surgia a claridade, dando ingresso ao dia. Reinava de novo o sol.

Léo de Oliveira.

CHRONIQUETA

Fui convidado para collaborar n' *O Porvir* que, segundo a velha chapa, surge hoje a luz da publicidade.

Aparei cuidadosamente uma penna *Mallat* e metti mãos á obra.

Não; não metti coisa alguma porque, desde logo, fiquei indeciso na escolha do assumpto.

—Escrever um conto? nunca tive, infelizmente, vocação para esse genero litterario; acresce que prefiro aos contos em prosa, os contos de réis, que pretendo herdar de meu tio, que si Deus quizer, baterá as botas qualquer dia destes. Além disso, não quero fazer concorrência ao meu amigo Gustavo, que—seja dito por amor á verdade—escreve com tal arte e geito que me faz lembrar o sr Victor Hugo.

Fazer poesias? Tambem não, Correria o risco de quebrar versos com a mesma facilidade com que os bouds electicos quebram as pernas do pro-

ximo. Nesse terreno não quero disputar o logar ao Prudente (sem ser o de Moraes) de quem o Raymundo Coereia plageou o soneto *Mal secreto*,

Pensei, á faltar de alguma coisa inedita, em traduzir do Chateaubriand algum capitulo, ou, se este periodico fosse do tamanho do *Jornal do Commercio*, verter para o vernáculo um drama á imitação do que fez ha dias o Castro Rosa.

O Porvir, porém, é do tamanho de uma folha de couve e não comporta seuão algumas linhas.

Resolvi, afinal, não escrever nada para este numero.

Zenobio Pitada.



S. Paulo e o Journalismismo

O desenvolvimento do journalismismo em um paiz é o que determina o grau de progresso, não só moral, como tambem material de seus habitantes.

E, reciprocamente, quanto mais progride o journalismismo, tanto mais se desenvolve a civilização de um povo.

Assim é que os Estados Unidos da America do Norte, a França e a Inglaterra, onde a imprensa está mais adeantada, são justamente os paizes onde a instrução se acha mais diffundida.

Entre os Estados do Brasil, é o de S. Paulo um dos que contam maior numero de jornaes, e, consequentemente, é considerado um dos mais adeantados da União.

Se considerarmos o que era o seu solo ha trezentos annos, quando ainda habitado pelos guayanas, com o que é presentemente, cortado de diversas estradas de ferro, que ligam a capital a grande numero de cidades, vemos que o nosso glorioso S. Paulo caminha na vanguarda dos outros Estados, estando destinado a um brilhante futuro.

J. M. Neves.

(1) FOLHETIM

Ruy Flavio

O DIOGUINHO

Chronica de um bandido no oeste de São Paulo

CAPITULO 1

O tio Thomaz levantou-se neste dia de muito má humor; soffrera grande insomnia no correr da noite e desde muito cedo poz-se fóra da cama para a forte lida de amolgar ferros na sua forja.

Era ferreiro, officio que exercio com habilidade a uns bons paes de annos sem que a ferragem do tempo tivesse até então roido o seu robusto oganismo, rijo e perfeito como um machinismo todo de aço. Tinha força de vontade e boa disposição para o trabalho, e talvez por isso conseguira fazer um modesto capital para a sna familia, composta da mulher, e mais dois filhos.

Era um homem bem conformado conservando entre as linhas do seu perfil a maxima proporcionalidade: altura regular, compleição robusta, uma phisionomia que denotava uma indole má; quando fallava conservava o olhar fixo sobre o seu interlocutor, desviando-o de vez em quando

para aliza a espessa sobrançelha que lhe cobria os olhos, cocoéthe que lhe era peculiar; tinha pouca barba e trazia sempre o sobrasenho carregado. Filho do povo, nascido de um casal de pobres lavradores, que já não existiam, conheceu elle desde criança as acerbas dores da necessidade, pois ficando orphão aos sete annos teve de labutar cedo para a vida para ganhar o pão amargo de cada dia: Confiado nos primeiros tempôs da orphandade aos cuidados de um velho ferreiro, que lhe ensinou os primeiros rudimentos da sua profissão, o Thomaz, pelo seu genio retrahido e inclinação para o trabalho, conseguiu a confiança do mestre e do interesse que tirava da officina fez peculjo para a sua independencia. Jamais teve elle tempo para afogar o espirito no ocio da vagabundicie; o trabalho guiava-o facilmente nas trilhas escabrosas da vida, mas dentro da sua alma de moço sentia a mordedura venenosa da inveja pelos prazeres faceis dos seus companheiros de idade. Porque não podia elle, o orphão, o necessitado, gozar tambem de umas pequenas férias do abor quotidiano, reflexionava elle muitas vezes, á noite na dua cama do seu pobre albergue; e guardava na alma um mau resentimento contra esta má distribuição do bem estar. cil. A linha fir-

me dos seus labios nunca dobrou-se n'uma curva de sorriso, e dos olhos, claros, grandes, circundados pela sombra das espessas sobrançelhas, nunca brilhou si quer a pequena esfera de uma lagrima

Deste feito fez-se homem o Thomaz. Com algumas sobras dos seus minguados vencimentos de operario trabalhador montou a sua pequena e modesta tenda na cidade onde o destino o acompanhou, envolto na mesma gaze de tristeza e de secura de espirito. Dentro de si conservou sempre uns laivos de revolta conera a sociedade, fazendo-a cúmplice da sua vida fadigosa, amargado perpetuamente ao poste do trabalho, como um criminoso eumprindo a pena; dahi um genio irascivel que explodia n'um assomo de energia diante da minima contrariedade.

Era um intractavel e exquisitão o tio Thomaz, como lhe chamavam na povoação. Sendo, porém, elle o unico terreiro naquellas alturas e ao redor, os que precisavam do seu trabalho affluíam á officina supportanto como paciencia, as impertinencias do artista.

Naquelle dia brumoso de Junho, o Thomaz já cediuh lidava na forja, tangendo o folles para levantar as chammas do fogo, que ruborisava uma barra de ferro para um trabalho a entregar no mesmo dia

ARQUIVO



CONGRATULAÇÕES

De regresso de sua feliz viagem a Minas, acha-se de novo em S. Paulo o nosso bom amigo e director, dr. Luiz Antonio dos Santos.

Ao bondoso mestre, as saudações d'O Porvir.

Fizeram annos:

No dia 17 do passado, os srs. Antonio Vieira Bittencourt e Mario Egydio, nossos estimados collegas.

—No dia 21, o sr. Synesio Braga, esperançoso rapaz.



Trabalhava de má vontade, contrariado, praguejando com a testa franzida, revelando manifesto máu humor.

Na rua ainda deserta aquella hora, com as filas de casas ainda fechadas, souo o estrepido de um cavallo que caminhava por ella, aproximando-se da casa do ferreiro. O tio Thomaz voltou-se para a larga porta da officina e viu um cavalleiro que estacou o animal e saudou-o amavelmente.

— Bom dia, tio Thomaz. Você hoje madrugou, e foi-se apeando do cavallo, prendendo as rédeas em um poste collocado na porta da tenda, que elle em seguida transpoz desembaraçadamente sem esperar o convite do ferreiro.

O Thomaz reconheceu o recém-chegado e sem largar a mão do folles e da barra de ferro, correspondeu a saudação secamente.

Era o Antonio Sillos, fazendeiro na localidade, mulato empavonno, que o tio Thomaz não apreciava, já por isso e já por ter tido com elle um attrito por causa de contas.

— O que traz tão cedo a cidade, sr. Antonio Sillos?

— Tio Thomaz, estou de viagem para S. Sebastião do Paraíso, e se passei por aqui foi para ferrar o meu animal.

LE'RIAS

Que idade tinha você quando casou-se?

— Nem me lembro, mas com certeza não tinha a idade da razão.

Em um restaurant.

Por quanto me fornece um bife?

— Por 1\$000.

— E' seuto com batatas?

— O mesmo preço, não lhe cobro as batatas.

Então venha... só as batatas.

A' mesa do jantar

Maria, diz o marido á mulher, passa-me o prato com fatias de «pães»...

Ora tolo, não sabes que não se diz «pães».

Mulher... Eu bem sei que é «pães».

O cara-dura é o flagello do homem bondoso.

Soffre teus males mas nunca te queixes.

(do Almanack da Franca).



Foquetes...

Que bom! aproximam-se as férias!

(Bonifacio Pereira)

Alegres ides cantando
Pela estrada muitas lérias,
Quando fordes regressando
Ao lar, no gosc das férias...

Prazeiros e contentes
Deveis vós todos ficar,
Muitos dias sorridentes
Ides ter para folgar!

Paf—Paf.

— Ah! sr. Antonio Sillos, da minha arte é a unica cousa que não sei fazer, e alem de tudo, estou hoje occupadissimo para aviar uma encomenda de um bom freguez.

— Não me diga isto, pois os meus animaes teem sido ferrados aqui por mais de uma vez, e então para que aquelle distico de ferrador que voçã tem na porta da officina?

— Tive um empregado que ferrava animaes, mas este sahiu, e por isso agora não ferro mais.

— Diga antes que o senhor não quer servir-me, e o Antonio Sillos ainda insistiu, promettendo pagar mais caro o trabalho.

O Thomaz irritou-se com uma tal insistencia e respondeu-lhe de mau humor.

— Ora, seu Thomaz, o senhor é um homem insupportavel, chega até a ser malcreado, retrucou o Sillos.

— Malcreado é elle, que por ter algumas patacas a mais, pensa que pode mandar aqui como manda na sua colonia! Pois está inteiramente enganado, seu mulato, e vá seguindo o seu caminho, si não quer ouvir peiores.

— Atrevido, seu cousa atôa, respondeu asperadamente o Sillos.

— Ora, não amole e ponha-se já fóra si não quer ser posto a contra gosto.

E o Thomaz acompanhou as palavras com um gesto ameaçador, brandindo o ferro em braza, que saccou da forja e com elle avançou para Sillos, para obrigá-lo a sahir, amedrontando-o.

Infelizmente, porém, o seu interlocutor ou por pavor ou para vaidosa coragem em frente do seu agressor, em vez de correr, ficou estacado no meio da officina, branco e immovel como uma estatua de marmore emquanto que o Thomaz, com o impeto com que levava a arma terrível, certo de que o outro amedrentado correria, não pôde retrocer e fez o ferro penetrar no ventre do desgraçado. O ferro chiou na carne e o Sillos soltando um rugido cahiu de costas.

O Thomaz perdeu a calma, ficou desvatrado, e arrancando o ferro das carnes da sua victima ainda serviu-se d'elle para ultimar o homicidio. Depois atirou-o para um canto e, estatelado no meio da officina, enearou a sua victima inerte no chão; da bocca do infeliz, deslisava um fio negro de sangue e por uma brécha da cabeça burbulhava o sangue que ensopava o chão terreo.

(Continúa)

Typ. Paulista, Rua do Theatro, 18

